

BOLETIM DA C. P.

ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL
DO PESSOAL DA COMPANHIA

PUBLICADO PELA DIRECÇÃO DA COMPANHIA

VOLUME DÉCIMO TERCEIRO

JANEIRO A
DEZEMBRO DE

1941

LISBOA

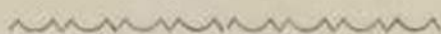
Officinas Gráficas da C. P.

1941

BOLETIM DA C. P.

ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL
DO PESSOAL DA COMPANHIA

PUBLICADO PELA DIRECÇÃO DA COMPANHIA



VOLUME DÉCIMO TERCEIRO

JANEIRO A
DEZEMBRO DE
1941

LISBOA
—
Officinas Gráficas da C. P.

—
1941

ÍNDICE

Números de Janeiro a Dezembro de 1941

QUESTÕES GERAIS

Diversos

Pág.

Justiça.....	1
Arte Indiana.....	3
Uma carta a Garcia.....	21
O Castelo e a vila de Monsanto.....	25
As inundações do Setil em 1941.....	44
O rio Douro e os barcos rabelos.....	47
Resenha dos principais trabalhos executados na Companhia durante o ano de 1940.....	51
Efeitos do ciclone nas telecomunicações da Companhia.....	61
Um dia na Serra da Estréla.....	66
As carruagens americanas.....	81
Pelourinhos de Portugal..... 88, 109 e	129
Os postos de manobra e encravamento de agulhas do Entroncamento.....	101
Efeitos do ciclone nas linhas do Sul e Sueste entre Barreiro e Alcácer.....	103
Os vinhos verdes.....	105
Ditos sentenciosos e feitos conceituosos..... 108 e	189
Estradas e caminhos de ferro.....	121
Construção dum passadiço de betão armado.....	125
Baleal.....	127
O novo edificio de passageiros da estação de Évora ..	141
Angola, terra de promessa.....	145
Carlos Rodrigues Parreira.....	158
As obras do Setil.....	165
Ponte internacional de Valença.....	170
Marrocos.....	171

Pág.

Ampliação da Ponte do Canal da Azambuja.....	185
Os Caminhos de Ferro e o Progresso.....	190
Sempre Noiva.....	191
Cômputo do tempo.....	197
Soldaduras.....	205
Os serviços motorizados na conservação das vias férrea	208
Feiras e mercados.....	211
Ponte de D. Amélia.....	215
Novo Ano.....	225
Ainda as obras do Setil.....	226
Traçados de linhas aéreas.....	230
Relógios de Sol.....	235

DIGRESSÃO LITERÁRIA

Manuel Bernardes.....	12
D. António da Costa.....	29
Arnaldo Gama.....	71
Ramalho Ortigão.....	93
Almeida Garrett.....	112
Júlio de Castilho.....	175
Manuel Ribeiro.....	240

ESTATÍSTICAS

Quantidade de vagões carregados e descarregados em serviço comercial..... 15, 38, 54, 75, 116, 134, 178 e	201
Percurso quilométrico..... 75, 116 e	218

NÓS

	Pág.
Os Revisores de bilhetes.....	46

Em viagem . . .

Entre Medina e Madrid.....	87
Um plágio oportuno.....	132
Num Hotel de Sevilha.....	210

FACTOS & INFORMAÇÕES

Ecos Ferroviários

Festas do VI aniversário do Ateneu Ferroviário.....	46
Homenagem ao Architecto Cottinelli Telmo.....	34
Inundações no Ribatejo.....	36
Visita de engenheiros espanhóis às oficinas da Companhia.....	37
O ciclone.....	38
Ateneu Ferroviário.....	55, 160, 179, 220 e 245
Carruagem-cantina.....	76
Caminho de Ferro de Benguela.....	76
As inundações do Setil.....	77
Caminhos de Ferro Sul Africanos.....	97
Caminhos de Ferro Centrais do Brasil.....	97
Ainda os efeitos do ciclone.....	97
Publicações.....	117
Orfanato dos Ferroviários da C. P.....	117
Colónia de Férias da Praia das Maças.....	135
Homenagem.....	160
Passagem superior de Contumil.....	180
Sorteio do Orfanato dos Ferroviários da C. P.....	202
Escola de Campolide.....	202
Colónia de Férias de Aprendizes.....	219
A capacidade de transporte dos caminhos de ferro....	221
Da influência das côres.....	244
«Hora de Leitura» do pessoal do Serviço de Saúde ...	244

CONSULTAS & DOCUMENTOS

CONSULTAS

I — Tráfego e Fiscalização

Tarifas.....	31, 53, 72, 95, 114, 159, 177, 200, 216 e 242
--------------	---

II — Movimento

Livro 2.....	14, 72, 133, 159 e 242
--------------	------------------------

DOCUMENTOS

Pág.

I — Tráfego

Tráfego.....	14, 32, 53, 74, 95, 115, 133, 177, 200, 217 e 243
--------------	---

II — Fiscalização e Estatística

Fiscalização e Estatística ..	15, 33, 54, 95, 115, 134, 159, 177, 200 e 243
-------------------------------	---

III — Movimento

Movimento.....	15, 33, 74, 96, 115, 134, 177, 201, 217 e 243
----------------	---

IV — Serviços Técnicos

Serviços Técnicos.....	54, 75, 96, 177, 201 e 243
------------------------	----------------------------

Aforismos

Aforismos.....	28, 69, 124 e 199
----------------	-------------------

PESSOAL

Louvores

Actos dignos de louvor	49, 39 78, 98, 162, 181, 203, 223 e 247
-----------------------------	---

Agradecimentos

Agradecimentos.....	39, 78, 118, 162 e
---------------------	--------------------

Agentes com 40 anos de serviço

Agentes que completaram 40 anos de serviço ...	49, 78, 118, 137, 181, 203 e 247
--	----------------------------------

Exames

Resultado de exames.....	39, 56, 118, 162, 223 e 247
--------------------------	-----------------------------

Nomeações e promoções

Nomeações.....	49, 39, 58, 79, 99, 139, 164, 181, 203, 223 e 247
Promoções.....	49, 39, 57, 79, 98, 137, 182 e 247

Mudanças de categoria

Agentes que mudaram de categoria ..	20, 39, 59, 80, 99, 139, 164, 181 e	Pág. 247
-------------------------------------	--	-------------

Reformas

Agentes reformados	20, 40, 59, 79, 99, 119, 140, 164, 181, 204, 224 e	248
--------------------------	---	-----

Falecimentos

Agentes falecidos	20, 40, 60, 80, 100, 119, 140, 164, 181, 204, 224 e	248
-------------------------	--	-----

Diversos

Ordem da Direcção Geral n.º 262	98
Júlio Augusto Lopes	204

GRAVURAS FORA-DO-TEXTO

	Boletim
<i>Chafariz de Borba</i> , Fotog. do Eng.º Ferrugento Gonçalves	139
<i>Momento de ansiedade</i> , Fotog. do Eng.º Sebastião Horta e Costa	140
<i>Pelourinho de Salvaterra do Extremo</i> , Fotog. do Eng.º Ferrugento Gonçalves	141
<i>Ria de Aveiro — Barco Moliceiro</i> , Fotog. de Manuel Gonçalves	142
<i>Pelourinho de Rua</i> , Fotog. do Eng.º Ferrugento Gonçalves	143
<i>Elvas</i> , Fotog. do Eng.º Ferrugento Gonçalves	144
<i>Cóimbra — Claustro do Convento de Santa Clara</i> , Fotog. do Eng.º Ferrugento Gonçalves	145
<i>Extremoz</i> , Fotog. do Eng.º Ferrugento Gonçalves	146
<i>Exposição do Mundo Português — O Moinho das aldeias portuguesas</i> , Fotog. de Abel Leite Pinto	147
<i>Estoril — Tamariz</i> , Fotog. do Eng.º Ferrugento Gonçalves	148
<i>Elvas — Aqueduto das Amoreiras</i> , Fotog. do Eng.º Ferrugento Gonçalves	149
<i>Exposição do Mundo Português — Visão histórica</i> , Fotog. de Jaime de Moraes Pereira	150

ERRATA

Na resposta à pergunta n.º 756, publicada no Boletim n.º 141, de Março (pág. 53), onde se lê 9,44, deve lêr-se 9,44.



BOLETIM

Nº 120 JANEIRO DE 1941 12º ANO

BOLETIM DA C. P.

PUBLICAÇÃO MENSAL

DA direcção GERAL DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
DESTINADA EXCLUSIVAMENTE AO PESSOAL

Problemas recreativos

Resultados do n.º 136

Quadros	Soluções	Colaboradores	Produções de sua autoria (Números)
Honra	45	Dalotos..... Disraëlli..... Conde de Phénix..... Sécara.....	5, 23, 25, 29, 34 — — 9, 10, 31, 37, 38, 39, 40
Mérito	39	Barrabás..... Diabo Vermelho..... Manelik..... Radamés..... Preste João..... Visconde de Cambolh..... Visconde de la Morlière.....	— — — — — 17 —
	34	Brielga..... Cruz Canhoto..... Elmintos..... Fred-Rico..... Novata..... Otrebla..... P. Régo..... Veste-se.....	1, 3, 6, 7, 12, 22, 24, 26, 32 27 — — — 36 — 14, 35
	28	Filho de pouca sorte..... Gavião.....	4, 44, 45 —
	35	Pacato..... Profeta.....	— 11, 13
Distinção	Votos		Voladas
	13	Brielga.....	1
	2	Dalotos.....	29
	8	Mefistófeles.....	2
		Alerta..... Costasilva..... M. Carinhas..... Martins..... Mefistófeles..... O Profeta.....	8, 15, 21, 33 30 18 28 2, 16, 19, 20 41, 42, 43

Soluções:

Aumentativas: Logra, Espora, Traça, Pula.

Biformes: Ruivo, Rabeco, Pêga, Regardo.

Duplas: Querença, Jornada, Solipso, Monta, Pantim, Tortulho, Folia.

Eléctricas: Atá, Orar, Saco, Som, Atal, Arara.

Mefistofélicas: Mouroço, Cépola.

Novíssimas: Baitaca, Champana, Tinote.

Sincopadas: Ralasso, Soçobra, Direita, Sarapó, Lúrido, Zegulo, Molição.

Transpostas: Xofrei, Madama, Dala, Tone.

Enigmas tipog.: Cacém, Alice (ou) Calem (ou) Lagem, Censo, Demora, Escala, Falso, Decalcados, Desconchave.

Aumentativas: 1 — O general que *concerta* mal um plano de batalha, é um *mau oficial* — 3.

2 — Não se julgue o intriguista satisfeito ao «*pé*» de quem saiba do seu *defeito* — 2.

3 — Depois de *queimada* a última esperança de se salvar a Paz, já nada podia evitar o *abraçamento* da Europa — 3.

4 — Não te parece que *a comida* é pouca para tanta *família*? — 2.

* * *

Biformes: 5 — Ser *gentil* é acto *gracioso* da pessoa bem educada — 4.

6 — Uma *descompostura* não é castigo *trivial*, se é recto o que a dá e a recebe outro que tal — 3.

7 — Quem comete uma *falta* e não procura evitá-la, é *falto* de entendimento — 2.

8 — Nunca deves esquecer a promessa que em solteiro fizeste à tua sogra: ser *económico* até à *morte* — 2.

* * *

Duplas: 9 — O filho que não aceita uma *repreensão* de seu pai comete um grande erro, e precisa de ser metido numa casa de *correção* — 3.

10 — A *ignorância* é a mãe do *fanatismo*; por isso o fanático põe a sua opinião acima de todas as verdades — 3.

11 — Embora estejas *orgulhoso* do teu valor, não te mostres *altivo* no porte, nem soberbo no falar — 4.

12 — Atrás de mim virá quem *bom* me fará, diz o Governo ao povo que não se julga *feliz* — 2.

* * *

Eléctricas: 13 — Sempre dou a minha *saúdação* à primeira «*mulher*» que vejo — 2.

14 — Uns apontamentos sobre o *título dos descendentes de Majoma* desapareceram pela *fenda* duma caixa — 2.

15 — A uns *pedagogos* que viajavam foi-lhes oferecida uma *bebida* que, segundo a *crença dos Árias*, dá aos justos o *privilégio de conservar a imortalidade do corpo* — 2.

16 — A prosápia balofa do idiota não se *amolga* porque nenhuma critica o *irrita* — 3.

(Continua na outra página interior da capa)

BOLETIM DA C.P.

ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL DO PESSOAL DA COMPANHIA ★

PROPRIEDADE
DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO
PORTUGUESES

DIRECTOR
O DIRECTOR GERAL DA COMPANHIA
Engenheiro Alvaro de Lima Henriques

ADMINISTRAÇÃO
LARGO DOS CAMINHOS DE FERRO — Estação
de Santa Apolónia

Editor: Comercialista Carlos Simões de Albuquerque

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Companhia

SUMÁRIO: Justiça. — Arte indiana. — Digressão literária. — Consultas e Documentos. — Factos e Informações. — Pessoal.

JUSTIÇA

Pelo Ex.^{mo} Sr. Eng.^o Manuel José Pinto Osório, Vice-Presidente da Comissão Executiva

Nas páginas imortais de «O Noventa e Três», Victor Hugo narra um episódio da Grande Revolução, de uma grandeza impressionante.

Saira de Inglaterra, com tropas para a Bretanha, a corveta «Claymore», levando também a bordo um velho fidalgo realista, incumbido de a missão de dirigir a insurreição vendeana.

A corveta ia armada com numerosa artilharia, cujas peças, sólidamente amarradas e escondidas, só deveriam aparecer quando no horizonte surgissem navios da armada republicana.

Ora um dos artelheiros, encarregado de amarrar uma das peças, não o fez com a atenção necessária, do que resultou que ela, por efeito do balanço do navio, se desprendesse com o seu rodado e desatasse a correr de um lado para o outro do convés, esma-

gando tudo o que encontrava no seu caminho. Batia, como um ariete, de encontro à amurada, despedaçando-a; estilhaçava os mastros; e quando alguns marinheiros se atreveram a pretender sustar a sua marcha diabólica, ficaram trucidados e estendidos num mar de sangue.

Depois de alguns minutos de terrível ansiedade, viu-se um homem saltar para o convés, com uma barra de ferro nas mãos, decidido a enfrentar a fera. Era o mesmo artelheiro que, pela sua negligência, tinha provocado o desastre. E começou então a luta entre o monstro e o homem. Aquêle, como que dotado de uma inteligência satânica, procurava atrair à sua trajectória febril o seu inimigo; mas este escondia-se atrás dos mastros desmantelados, cosia-se com a amurada, agachava-se, erguia-se, saltava, sempre empunhando a sua barra de ferro,

a esperar o momento propício para dominar a fera. Esse momento chegou. Quando a peça, numa das suas corridas vertiginosas, passava junto d'ele, o homem estendeu a sua barra, meteu-a entre os raios das rodas, reteizou os músculos, inteiriçou-se, e a peça ficou imóvel. Acudiram logo outros arteleiros que a conduziram para o seu lugar, onde então ficou sólidamente amarrada.

Viu-se então o velho fidalgo realista aproximar-se, severo e dominador, e mandar formar a guarda do navio; depois, no meio dos aplausos da marinhagem e, ao som do rufar dos tambores, colocar no peito do artelheiro a Cruz de S. Luiz, destinada a premiar os actos de maior bravura. Em seguida, voltar-se para o comandante da guarda e dar-lhe esta ordem breve:

— Mande fuzilar este homem.

* * *

Quer se trate de um facto verdadeiro, quer seja o produto da imaginação fecunda do genial escritor, serve à maravilha para ilustrar a minha tese.

A justiça, a verdadeira justiça, deve ser assim. Os actos gloriosos não dão, àquele que os pratica, qualquer imunidade. Àquele artelheiro, com a sua negligência, diante do inimigo, poderia ter trazido para a causa por que todos arriscavam a vida, um irremediável desastre. Com o seu acto de bravura não redimiu essa falta. Fez o que qualquer outro poderia ter feito e por isso foi recompensado como qualquer outro o poderia ter sido. Mas ficou de pé o seu crime — e esse expiou-o depois.

Um funcionário foi tódia a vida zeloso, trabalhador, cumpridor dos seus deveres, de

modo a ser apresentado como exemplo aos outros. Um dia pratica uma falta grave. Porventura, em respeito pelo seu passado, não deve ser castigado? Deve esse passado servir-lhe de escudo contra a justiça?

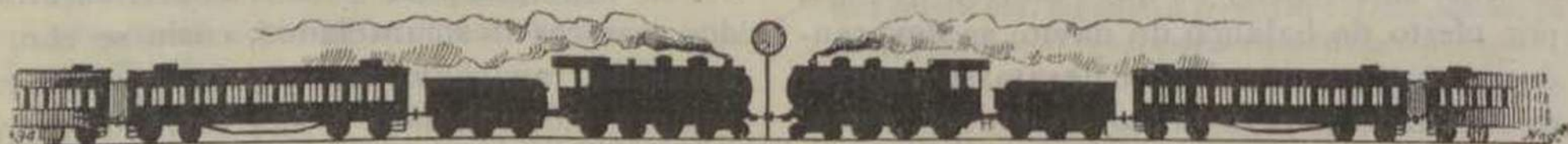
Responderei resolutamente que não. As faltas de um funcionário que, pelo seu porte, era apontado como exemplo, desmoralizam mais do que quaisquer outras. Essas faltas têm uma retumbância maior, ou, como se diz agora, uma maior projecção, do que se fôsem praticadas por um banal empregado, dêsses que passam na vida sem se fazer notar, nem pelo bem nem pelo mal que praticam. O facto de se ser exemplar impõe responsabilidades. O mesmo acontece com aquêles que são portadores de um grande nome. Têm o dever de não praticar actos que empanem o brilho com que esse nome fulgura na História.

Um empregado que passou a sua vida a fundamentar um carácter, de forma a grangear a consideração dos seus chefes e o respeito dos seus subordinados, não deve, por modo algum, desviar-se da linha rectilínea que sempre seguiu, porque, por mais paradoxal que isto pareça, e por mais que brigue com o sentimento geral, um bom passado não serve, em meu entender, para desculpar erros futuros, nem sequer para lhes atenuar a gravidade.

Esta subsiste, tanto mais acentuada, quanto maior fôr o contraste entre o passado e o presente do delinqüente.

O velho fidalgo bretão praticou, pois, um acto de justiça integral, exaltando, primeiro, a heroicidade do criminoso, e castigando-o impiedosamente depois.

Há crimes que nenhum acto de bravura pode resgatar.



ARTE INDIANA

A Índia é uma península da Ásia, de forma triangular, com um dos vértices em frente da ilha de Ceilão a apontar o sul, dois dos lados banhados pelo Oceano Índico e o terceiro, constituído por barreira montanhosa de que faz parte o Himalaia, com a maior altitude da Terra (8.840 metros).

Desde tempos imemoriais que esta lendária região do globo serve de imenso reservatório do género humano e atrai as gentes com os mistérios insondáveis da Natureza que ostenta aí, em vastas zonas, exuberância e galas únicas em todo o orbe.

O Homem, porventura enfeitiçado pela pujança da Natureza, tem desenvolvido lá, em todos os tempos, acção de prodígio, criando civilizações que sempre despertaram, através dos séculos, a mais viva admiração dos outros povos que vivem no globo terráqueo.

Os antigos egípcios, fenícios, gregos e judeus falavam supersticiosamente da Índia como duma terra de maravilha que tocasse as raias do sobrenatural.

É inegável que ainda hoje para muita gente assim é. Entre as manifestações da inteligência humana, que mais ferem a sensibilidade e as mentes ocidentais, figura a Arte, de carácter e originalidade quasi inconcebíveis.

A misteriosa Índia do Ganges sagrado e do inacessível Himalaia tem sido berço, quer de religiões, que fizeram surgir do solo a estonteante arquitectura de templos e pagodes, quer de civilizações, que se sublimaram

no esplendor de palácios duma sumptuosidade digna dos fabulosos contos das *Mil e uma Noites*.

Já no século IV antes da nossa era, um famoso conquistador ocidental, o rei Alexandre da Grécia, idealizou submeter a Índia ao seu enorme poderio, para o que organizou forte expedição, a qual, embora

chegasse às portas da ambicionada península, parou no limiar e não logrou ultrapassar o rio Indus.

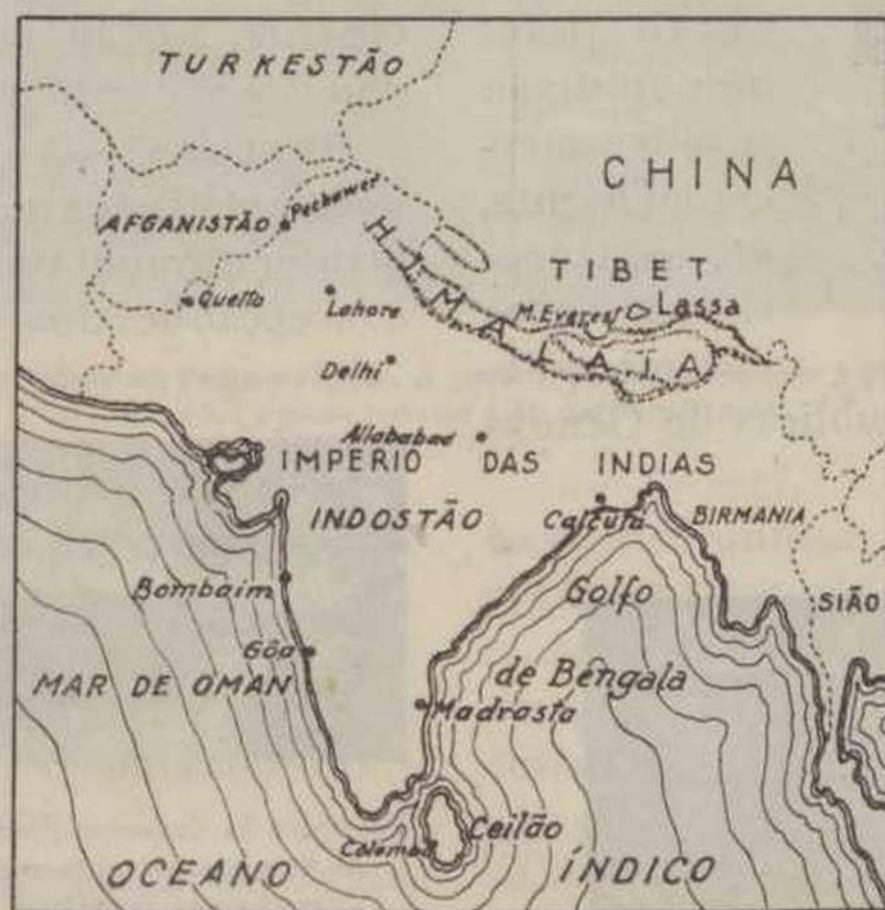
Pelo corredor natural que oferece o vale de Cabul, ao noroeste, comunica a Índia com o mundo asiático e por aí têm penetrado as múltiplas invasões suportadas pela península.

Depois de Alexandre da Grécia, a primeira nação ocidental que intentou e conseguiu dominar no Indostão foi Portugal.

Esta circunstância foi consequência do descobrimento do «Caminho marítimo para a Índia», por Vasco da Gama, um dos factos mais gloriosos não só da história pátria mas também da ciência, o qual permitiu finalmente que o género humano conhecesse o planeta que habita.

Recordemos que o grande navegador português partiu de Lisboa em 8 de Julho de 1497 e, após muitos sofrimentos e incertezas, belamente descritos por Luís de Camões nos *Lusíadas*, chegou a Calecute em 20 de Maio de 1498. De regresso, ancorou o Gama no Tejo em 9 de Setembro de 1499.

Descoberto o caminho marítimo para a Índia, resolveu o Conselho da Corôa de Sua Majestade El-Rei D. Manuel I estabele-



Mapa da Índia



Cordilheira do Himalaia: O cume chamado de *Siniolchu* é o mais belo pico de todo o orbe; embora não seja o de maior altitude, nenhum outro atinge a majestade que o caracteriza.

res e potentados das Repúblicas de Génova e de Veneza.



Maravilhas florestais da Índia: Bosque de palmeiras gigantescas e figueira de Bengala colossal, com as suas numerosíssimas raízes adventícias.



Para conseguir o fim que se pretendia, mandou o Rei Venturoso à Índia esquadras



Bambus gigantes de Cândia: Este tufo enorme de bambus admira-se no Jardim Botânico de Cândia. O perímetro da base mede mais de 30 metros.

sucessivas, que iam sendo cada vez mais poderosas, até que em 1505 enviou a mais luzida de todas, sob o comando de D. Francisco de Almeida – o primeiro governador que teve o cargo e honras de Viso-Rei.

cer presídios e feitorias em todos os lugares mais importantes da cobiçada península indostânica, como chaves da navegação ou em pórtos mercantes de Portugal, que então quasi monopolizou todo o comércio do Oriente, até essa época nas mãos dos mercado-

Sucedeu-lhe o grande capitão Afonso de Albuquerque, que entre numerosas conquistas tomou aos índios a cidade de Gôa, então importantíssima e de toda a segurança para sede do Governo do Império Português do Oriente, que fundou.

Portugal não pôde, infelizmente, manter a grandiosa concepção de Albu-



Provincia de Caxemira (Índia): Ponte de Srinagar. Os alicerces ou ensoleiramentos dos pilares são velhos barcos cheios de pedras; sobre estes levantam-se pilhas de madeiros, cada vez maiores à medida que se elevam, de forma que os vãos a transpor pelo tabuleiro sejam os menores possíveis.

as invasões mas vingam-se dos conquistadores absorvendo-os e assimilando-os de tal guisa que actualmente a população conserva vestígios dos mais diversos antepassados. As torrentes de gentio que têm



Ponte de bambus, na Índia

querque e hoje só conserva os reduzidos territórios de Gôa, Damão e Diu. A Inglaterra ocupou todo o Indostão à excepção dos núcleos portugueses e outros semelhantes franceses.

A Índia parece suportar fatidicamente



Milhares de índios banham-se nas águas sagradas do rio Ganges. Em Benares, a cidade santa do bramismo, os peregrinos indus, chegados de todos os pontos da península, banham-se no Ganges para se curarem de todas as enfermidades e purificarem-se ao mesmo tempo de todos os pecados.



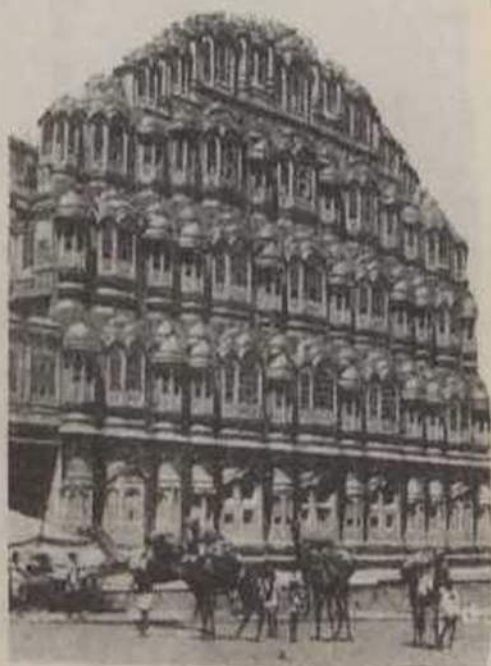
O templo de ouro de *Amritsar* no *Penjabe* (Índia). A parte superior do edifício é coberta de placas de cobre dourado; a parte inferior é de mármore branco.

enchido este reservatório humano levaram tipos, cores, traços que por vezes se diluem perfeitamente no magma constituído pelo conjunto populacional, mas que não raro transparecem com nitidez recordando o original na sua pureza.

As crenças fundem-se, como as raças, num amálgama heterogêneo, mas uma religião muito complexa, o *bramanismo*, suplanta tôdas as outras porque é

bastante confusa para se identificar com os credos e ritos mais diversos.

A propósito, diremos que na Índia, mais do que em nenhuma outra região do globo terrestre, a religião é a base duma organização social que lhe está estreitamente ligada. O *bramanismo* criou, de facto, distinções sociais absolutas, isto é, a divisão do povo em classes rigorosamente separadas denominadas *castas*. Cada casta é composta por in-



Da esquerda para a direita: O palácio do vento em *Jaipur*. Este monumento faz parte dos palácios do *Marajá*. Através das inúmeras janelas que possui, está aberto a todos os ventos e daí a razão do nome. — Templo *Jana* de *Rajaputana*. Este maravilhoso edifício está situado perto de *Diwara* que é a residência de verão dos príncipes *Rajaputras*. — Palácio real de *Delhi*. Esta sala de audiência não tem rival no orbe; é de alabastro onde embutiram pedras preciosas. Existe inscrição célebre que compara as suas riquezas aos esplendores do céu.



Estatueta representativa do deus Visnú



O deus Siva dança e esmaga com os pés o demônio Apasmara.

divíduos que descendem dum mesmo antepassado, exercem idêntica profissão e podem comer juntos sem impureza. Há quatro castas: os *brâmanes* são a classe superior constituída pelos sacerdotes; os *charadós*, políticos e guerreiros; os *vaixás*, lavradores, artistas e pastores; e, enfim, os *sudras*, criados e comerciantes, constituem a classe infima. Não pode haver ligações matrimoniais entre indivíduos de castas diferentes. Fora das castas—e tão abaixo delas que nem chegam a ter categoria de gente—existem os *párias* que são entes desprezíveis para os indús de casta pura.

Ao lado de *Brama*, deus supremo, que está longe e perto de tôdas as coisas, apa-

recem duas outras divindades que com êle constituem a *trimurti* ou trindade indiana e que são: *Vismú*, deus do fogo, todo bondade, e *Siva*, que representa a força caprichosa da Natureza ao mesmo tempo fecundante e destruidora; é a deidade sangrenta do extermínio e das carnificinas, normalmente acompanhada de duas deusas chamadas uma *Durga*, inspiradora de sabedoria, e outra *Cali*, que preside à volúpia e à morte.

A esta religião formalista, em que o rito é o essencial, opôs-se uma doutrina despida de todos os formalismos e que só tinha em atenção o sentimento. Assim como o cristianismo descende do judaísmo, assim o *budismo* saiu do *bramanismo*. O budismo deve ser considerado como reacção



Buda. Gesto do ensino



Da esquerda para a direita: Arte greco-búdica. Estatueta com a altura de um metro existente no Museu do Louvre, em Paris. Representa o Mestre do budismo com a rica indumentária principesca que usava antes de abandonar a alta posição social que lhe competia por hereditariedade. — O templo piramidal de *Budagaia*. Esta construção foi mandada fazer pelo imperador *Açoca*, no sítio em que Buda foi iluminado, junto da figueira sagrada que se vê à direita da gravura. — A mesquita de *Delhi*. Aspecto do pátio no último dia da festa anual de Ramadão que para os mouros é semelhante à Páscoa dos cristãos. A mesquita não chega para albergar os devotos em oração e por isso a multidão espalha-se pelo pátio.

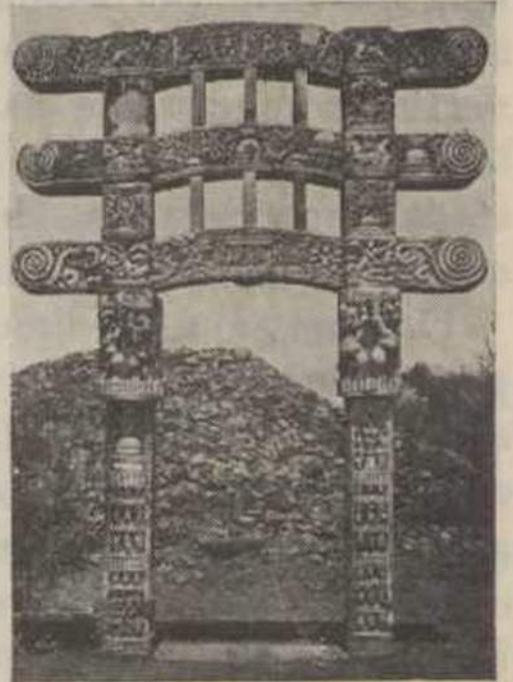


democrática contra o bramanismo aristocrático, pois professava em primeiro lugar a igualdade de todos os fiéis e até dos próprios escravos. Nem entre o clero a hierarquia era admitida a princípio, quando *Buda* não passava de sábio e filósofo. Com a evolução do budismo o Mestre tornou-se Deus e os antigos deuses do bramanismo foram feitos santos.

Buda, que quer dizer iluminado, foi um príncipe da dinastia dos *Çaquias*, cujo reino se estendia da actual provincia de *Oude* aos contrafortes do Himalaia. A-pesar-de todos os esforços do pai, para fazer d'ele um grande imperador, o príncipe preferiu ser doutrinator e monge pedinte, pelo que também é conhecido pelo nome de *çaquiamuni*, isto é, o monge çaquia. Assinalam-se na vida de Buda quatro episódios principais de que o primeiro é talvez a Concepção, a Natividade ou ainda a grande Renúncia; os outros são: a grande Iluminação, o Primeiro Sermão e o Parinirvana, que quer dizer libertação absoluta e representa a morte do Mestre que ocorreu aos oitenta anos de idade. A lista dos oito grandes milagres completa-se com os incidentes denominados: descida do céu, o grande milagre de *Çravasti*, a paragem do elefante furioso e o presente do macaco.

Os sítios onde se deram estes acontecimentos foram desde logo assinalados com monumentos comemorativos chamados *caitias* e não tardaram em tornar-se lugares de peregrinações afamadas.

Os oito milagres citados serviram de temas aos escultores indús para delineamento dos baixos-relêvos que



De cima para baixo e da esquerda para a direita: Interior da mesquita da Pérola em *Delhi*. Joia architectónica onde a delicadeza do trabalho se liga ao apuro de bom gosto. — Entrada dos templos cavernas de *Elefanta*. Situados numa ilha perto de *Bombaim*, estes templos escavados na própria rocha e maravilhosamente esculpturados datam do século X. — *Ndssica*: Fachada exterior dum templo subterrâneo. — O templo subterrâneo *Kailasanatha* em *Elora*, que data do século VIII, completamente escavado na rocha. Era dedicado a *Siva*. — O tope de *Sanchi*. Numa colina arborizada de *Bopal* jaz o monumento enigmático d'este nome, a mais antiga das ruínas monumentais da Índia, que guarda intacto o segredo da sua existência. — *Sanchi*. Porta que data do século III antes de Jesus Cristo. As formas e processos de carpintaria são evidentes. — *Sanchi*. Pórtico (torão) setentrional. Os Índios procuravam executar nas obras architectónicas de pedra as formas e sistemas da antiga carpintaria. — Interior da *Caitia* de *Karli* que data do fim do primeiro século antes de Cristo. No fundo um *estupa* (santuário).

se admiram nos templos budistas.

A doutrina de Buda, talvez por se apresentar clara e bem definida, não conseguiu fixar-se na enigmática Península de onde, por assim dizer, a expulsaram. Então foi converter a imensidade da população amarela da Ásia constituída por tibetanos, chineses, coreanos, japoneses e malaio.

O islamismo insinuou-se na península indostânica no século VII da nossa era, alastrou, mas, segundo o seu costume, guardou intacta a pureza inicial; encontrou, porém, no brahmanismo, antagonista de vigor



Admirável estatueta em que a arte greco-búdica se manifesta com realismo. Guarda-se no museu Guimet de Paris e tem cinquenta e cinco centímetros de altura. É obra cuja data de execução se fixa entre os séculos terceiro e quinto da nossa era.

qua provincia ultramarina, re-líquia que a insaciável cobiça doutras nações nos tem permitido conservar, do glorioso Império Português do Oriente, fundado, como dissemos, no comêço do século XVI pelo inclito Viso-Rei Afonso de Albuquerque.

Do que fica escrito pode desde já inferir-se que a arte indiana não se deixará mais facilmente confinar numa definição do que a raça ou a religião.

A análise dos monumentos desvenda elementos e influências em correlação com a enorme diversidade da aglomeração



Agra: O Taj Mahal, sumptuoso túmulo do século XVII do imperador Shah Jahan e de sua esposa, Mumtaz Mahal. O estilo é árabe-indiano.



Triquinopoli: Pagode de Srirangam (século XVIII). O pátio dos cavalos.

que lhe resistiu e resiste com tanta eficiência que, apesar de todos os esforços de proselitismo dos muçulmanos, ainda na actualidade mais de três quartas partes da população da Índia adoptam as arcaicas crenças indianas.

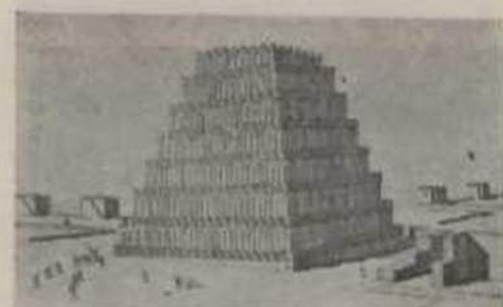
Contam-se também na Península alguns núcleos de cristianismo. O mais importante é o Padroado Católico do Oriente, estruturalmente lusitano, com sede em Gôa, capital dessa nossa longin-

humana da península indostânica.

Pelo modo de execução distinguem-se, nas construções de pedra, formas e processos que só podem ter sido imaginados por carpinteiros.

Estes indícios revelam arte de trabalhar madeira que deve ter surgido e evoluído em região de densas florestas; representam, portanto, na arquitectura indú, características autóctones que são como que o próprio fruto do solo.

Até quando tallharam os templos na rocha virgem dos montes onde os escavaram, os índios continuaram a procurar na pedra for-



O grande «Zigurate» de Sargão, hipoteticamente restaurado. Este edifício era templo-observatório de planta quadrada a cuja plataforma superior se subia por uma rampa que se desenvolvia desde a base e contornava o curioso espécime de arquitectura religiosa assíria.



Madura: O grande gopurá do pagode, visto de lado.

mas da antiga carpintaria.

Os tipos de monumentos religiosos são tão variados como as crenças. Referir-nos-emos só aos de cunho mais vincado.

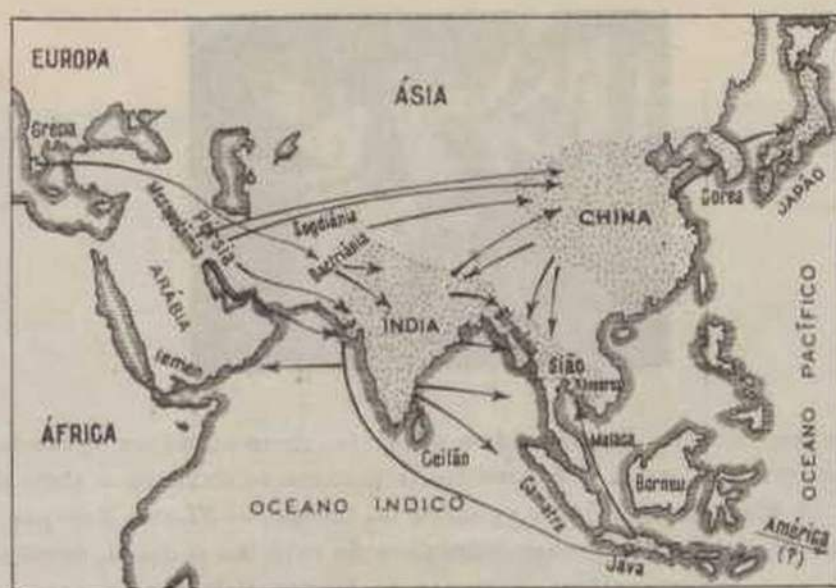
Os *topes* ou *estupas* são santuários búdicos, túmulos, que conservam debaixo de clássica cúpula alguma relíquia sagrada, mas a maior parte está em ruínas, abandonada, desde que o budismo deixou de ser religião da Índia.

Pagodes são templos bramânicos; a forma de construção consiste quasi sempre em sobreposição de andares de recuos sucessivos, o que dá ao edificio aspecto de pirâmide quadrangular muito esbelta; os criticos e historiadores de arte vêem nesta arquitectura a descendência directa dos antiqüíssimos *sigurates* da Caldeia e Assíria.

Por seu lado os muçulmanos, depois de definitivamente instalados no Indostão, importaram as mesquitas de zimbórios ornamentados com arabescos e azulejos.

Não se pode deixar de confessar que num ou noutro pormenor architectónico da arte indú se estadeiam origens estranhas: aqui, são colunas visivelmente tomadas da arte persa; além, pórticos de carácter puramente chinês, etc. Mas a arte indiana absorve, assimila e transforma ao seu uso e à sua imagem e semelhança tudo o que penetra no seu território.

A milenária civilização indú, que foi considerada durante muito tempo como longínqua antepassada da europeia, pa-



Mapa esquemático com indicação das influências artísticas, exercidas por várias nações sobre a Índia e irradiação da arte indiana no Oriente.

rece estar sempre pronta a receber e achar bem tudo que lhe venha do exterior e sobretudo do Ocidente.

A influência grega na escultura búdica é deveras notável e tanto que hoje se pensa que o essencial desta arte provenha de fonte helénica.

A doutrinação de Buda parece que teve lugar no século V antes da nossa era e o triunfo do seu culto foi atingido durante o reinado de Açoca, isto é, a meio do século III antes de Cristo. No espaço que media entre estas duas datas, levou Alexandre as suas aguerridas hostes até ao Indus e realzas de espírito helénico estabeleceram-se nas regiões de Bactriana. O budismo, que já

existia, apresentava paupérrima iconografia; foi o vocabulário plástico do Ocidente que lhe tirou a hesitação e o obrigou a singrar novos e mais largos caminhos nas regiões da Arte. Um sistema de imagens foi adoptado que, sem dúvida, ajudou os sequazes a conceberem melhor os dogmas da própria religião antes que a exuberância incoercível da Índia sufocasse Buda e deformasse a plástica greco-búdica até a tornar irreconhecível.

Os baixos-relêvos dos estupas mostram elementos ornamentais que nasceram e se desenvolveram na arte helénica: atlantes, vitórias, centauros e amores engrinaldados de flores. Motivos de arquitectura grega ou persa emolduram os quadinhos de pedra: recordações das ordens dóricas, jónicas ou coríntias e reduções dos enor-



Imagem do deus Siva num templo de Madura.



Da esquerda para a direita: Escultura greco-búdica. Baixo-relêvo de xisto, denominado a «grande partida» e que data do século I antes de Jesus Cristo. Existe no Museu Guimet de Paris. O futuro Buda levanta-se durante o sono de sua esposa. À esquerda, o escudeiro traz-lhe o turbante e o cavalo. À direita, uma Jónia, guarda do harem. — *Elora*: Templo monolítico do século V. Pormenor da vida de Visnú, o deus de membros de polvo. — Deuses marinhos da religião indiana, esculpidos no estilo da arte greco-búdica. Baixo-relêvo existente no Museu Britânico.

mes capitéis característicos da arte da Pérsia cujos originais se admiram na cidade de Susa.

Buda, todo humanidade, bondade e generosidade, foi pouco a pouco perdendo adeptos entre os seus conterrâneos que acabaram por abandoná-lo e regressarem ao bramanismo cuja turba-multa de deuses naturistas cresceu com exuberância só comparável à da flora tropical. Então as recordações clássicas apagaram-se, as origens helénicas olvidaram-se. A Natureza passou a dominar completamente o Homem; ora o abafa com obcecante fecundidade, ora o esfomeia com secas esterilizantes. A inteligência humana não se mostrou suficientemente forte para vencer o ambiente; não conseguiu neutra-

lizá-lo e submergiu-se sem tentar sequer reagir.

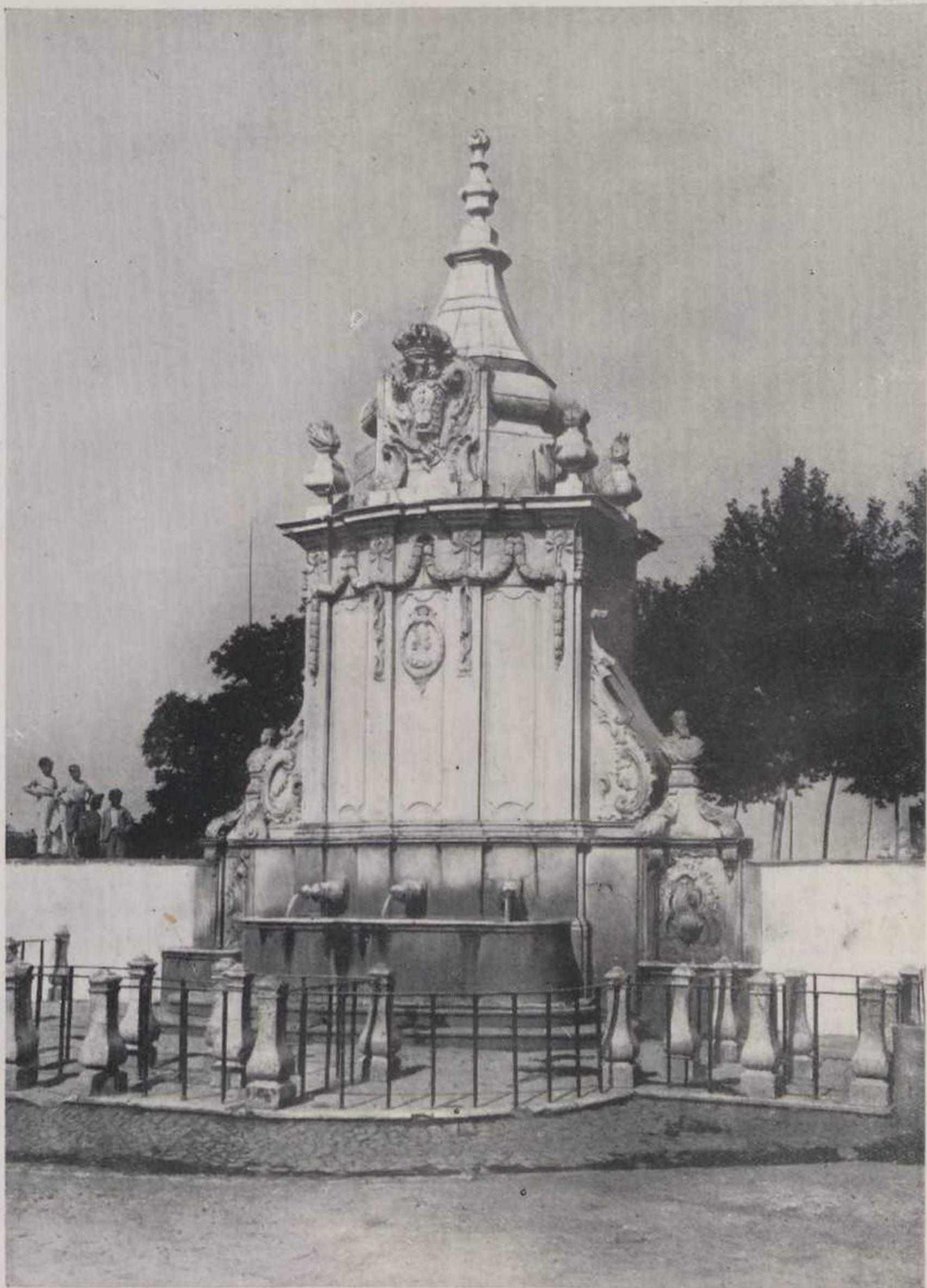
As obras de arte manifestam superabundância incoercível que a razão foi impotente para disciplinar. A imaginação plástica, tanto em escultura como em arquitectura, esqueceu a construção racional, debaixo dos adornos acumulados e entre os membros multiplicados. Uma das mais loucas extravagâncias da estatuária floresceu na terra indiana como um produto natural: o tipo humano de numerosos braços.

O mistério dos templos-grutas torna mais fantásticos estes deuses de membros de polvo.

O escultor deixou-se arrastar pela fecundidade pujante do reino vegetal. A fauna



Da esquerda para a direita: O cavalo Balaha. O santo *Lokeçvara* costumava incarnar-se sob a forma deste maravilhoso cavalo para salvar os piedosos budistas atacados pelas burras selvagens de *Lanka*. — Estatueta do deus *Ganeça* proveniente da ilha de Java e que data do século XIII. Ganeça, filho do deus Siva, tem cabeça de elefante e é muito popular no culto induista. — Objectos artísticos provenientes do Tibé e hoje no Museu Guimet de Paris. À esquerda, relicário de cobre dourado ornamentado com objectos de bom augúrio: concha, peixes, vaso, loto, nó sem fim, guarda-sol, roda. À direita, moinho de orações também de cobre dourado.



CHAFARIZ DE BORBA

*Fotog. do Eng.º Ferrugento Gonçalves,
Sub-Chefe de Serviço.*



Estatueta de bronze representativa de «Lakshmi» (século XIV).

inspirou-lhe, semelhantemente à flora, combinações monstruosas: os gregos soldaram um torso humano em corpo de cavalo, mas os indianos ultrapassaram-nos, quer dando ao cavalo numerosas pernas humanas, quer enxertando uma cabeça de elefante sobre os ombros dum homúnculo barrigudo. Os caprichos da natureza tropical alimentaram uma arte delirante.

A mitologia indú parece ter sentido certa dificuldade em seguir a plástica nas suas extravagâncias.

Só as imagens do budismo conservam a rectidão correcta da anatomia humana, fiéis aos modelos gregos. Mas no conjunto a crença foi ultrapassada pela super-abundância dos símbolos. Os esforços da Teologia para defender o monoteísmo contra a multiplicidade da feitiçaria terminam em dogmas extravagantes como o dos avatares do deus Visnú que desceu muitas vezes à Terra para proteger o mundo e de cada vez incarnou-se numa forma externa diferente: foi peixe, tartaruga, javali, leão, cavalo, anão, Rama, Buda, Crisna, etc.

Como não havemos de reco-

nhecer nestas metamorfoses uma tentativa para uma só personalidade divina nos ídolos mais diversos? Pode adorar-se um deus peixe ou cavalo sem se ser infiel a Visnú.

A doutrina das encarnações sucessivas é visivelmente uma concessão ao culto das imagens; justifica o feiticismo que não consegue estirpar.

A plástica delirante que caracteriza a arte indiana é fonte de dogmas extravagantes.

O budismo no seu apogeu expansionista estendeu-se para fora da Índia propriamente dita e arrastou atrás de si o bramismo de que não era senão uma dissidência. Desta guisa levou a civilização e arte indú a Ceilão, às ilhas de Sonda (Samatra, Java, Bornéu, Bali, etc.), à península de Malaca, ao Sião e ao Camboja. É ao conjunto destas colónias espirituais que os arqueólogos deliberaram chamar Índia Exterior.

Mais tarde, o budismo, quando se viu expulso da península indiana, atravessou o Pamir, atingiu o Tibé e chegou à China, de onde, por intermédio da Coreia, passou ao Japão, onde ainda hoje se mantém.



Flecha principal do templo de Shway Dagon. Este cone tem 110 metros de altura. É coberto de alto a baixo por folhas de ouro. No píncaro existem 4600 pedras preciosas: diamantes, rubis e esmeraldas.



Pintura indiana — Ajanta: Pintura mural representativa das tentações de Buda.



Digressão Literária.

Manuel Bernardes, escritor extremamente harmonioso e delicado, nasceu em Lisboa, em 20 de Agosto de 1644, e faleceu na Casa do Espírito Santo, da mesma cidade, em 17 de Agosto de 1710.

É dos mais vernáculos e eruditos escritores de que se pode ufanar a literatura portuguesa. O seu estilo de verdadeiro artista é caracterizado por inextinguível delicadeza, expressa em linguagem sempre límpida, graciosa e correctíssima. Foi maviioso poeta na prosa da Luz e calor; precioso folhetinista e salutar moralista na Nova floresta; filósofo cristão nos Exercícios espirituais, nos Últimos fins do homem, no Paraíso dos contemplativos, etc.; orador distinto, como se vê nos dois livros Sermões e práticas.

Manuel Bernardes é considerado o primeiro folhetinista de Portugal. Os seus artigosinhos da Nova Floresta, muitos deles de anedotas de homens notáveis, factos históricos e tradições, são verdadeiros folhetins minúsculos, que têm sempre alcance moral e intenção filosófica.

A seguir publicamos, extractados da Nova Floresta, dois trechos muito curiosos:

Ladrões roubados

No tempo de el-rei D. Afonso de Aragão, houve em Agrigento (cidade de Sicília) um cego astutíssimo e que, pelo tino, sabia as estradas de toda aquella ilha, de modo que servia de guia aos mais passageiros. Este, tendo juntos uns quinhentos cruzados, os enterrou, porque lhos não furtassem. Porém, um compadre seu, que morava perto, viu o entêrro ou depósito; e logo no seguinte dia lho tomou. Achando o cego a falta, conjecturou a verdade. Para certificar-se dela, foi tomar conselho com o mesmo ladrão, dizendo: Compadre, eu tenho enterrada em certo lugar uma quantia de dinheiro; deixei outra comigo pelo que podia succeder; agora, como enfim sou cego, temo que ma furem; não sei se farei melhor em a pôr onde a outra está, ou se a deixe em minha casa. O consultor, vendo oferecida oportunidade de lhe tomar tudo, respondeu: Por melhor tenho que a enterreis. E, para que o cego não achasse menos o primeiro depósito e confiadamente lhe ajuntasse o segundo, repôs ali o que tirara e vigiou a hora em que o cego ia dar à execução o seu conselho. Porém este, que não ia a guardar de novo, senão a recuperar o antigo, tanto que o

achou, levantou o sacco na mão para aquella parte onde supunha que o visinho o estava vigiando (como, na verdade, estava) e disse em voz alta: Oh compadre, quanto, esta vez, mais vejo eu, cego, que vós com ambos os olhos.

Cada qual dos dous armava cambapé ao outro, se bem um com dolo bom e outro com mau; e este não caiu em que caía senão depois que se viu estirado. O ladrão restituía parte, para furtar tudo; e o cego oferecia tudo para não perder cousa alguma. Cegou-se o que vigiava, porque o cego era mais previsto e tomou conselho fora, como ignorante, tendo-o já tomado consigo, como prudente. Fingiu que não sabia, para acabar de saber porque, quando o ladrão lhe aconselhou enterrasse o dinheiro, então lhe mostrou desenterrada a sua maldade e, quando repôs o furto para não ser sentido, então o deu mais a sentir. Não só recuperou o cego o dinheiro perdido, senão que descobriu o ladrão compadre, a quem mostrara o sacco na mão, era o mesmo que dar-lhe com o crime na cara, e, em quam alta voz lhe disse que via mais que elle, de tão bom som lhe chamou ladrão. Mas este mais sentiria ficar sem o dinheiro alheio do que com o seu nome próprio, porque esta casta de gente

toma ao revés aquela sentença dos «Provérbios»: Mais vale reputação boa do que fazenda muita.

O hóspede do leão

Mais público e ilustre foi o caso do médico e hóspede do leão. Teve por testemunhas os olhos de toda Roma, e o refere Apiano Polihistor, varão douto, o qual afirma se achou presente; e dele o trasladam muitos; suposto que, nem por ser vulgarizado, perde o ser admirável. Entre os outros jogos e espectáculos que se faziam no circo máximo ou anfiteatro, para entretenimento do povo, se formou uma caça ou montaria de feras; entre as quais um leão, por sua grandeza e ferocidade, levava mais os olhos de todos. Lançaram também na mesma praça alguns criminosos para lutarem com as feras e serem delas despedaçados. Um destes réus era um homem natural de Dácia, escravo de certo varão consular. Arremeteu a ele o leão para o fazer leve pasto de seu esfaimado ventre (nem aquela miserável vítima esperava já outro sepulcro), quando, de repente, parou o leão e o correu atentamente com os olhos, como que o conhecia de antes e queria certificar-se. E, já que acabou de conhecê-lo, se chegou manso e humilde, e o lisongeava movendo a cauda e lambendo-lhe as mãos, como se fôra um cachorrinho doméstico. E o homem, conhecendo também ao leão, começou de afagá-lo e correr-lhe a mão pelas jubas. Levanta-se em todo o anfiteatro um confuso ruído de clamores, porque este espectáculo era para todos, com razão, mais admirável que os outros. Foi chamado do César o dito homem e perguntado pela causa desta estranha maravilha; e ele com humildade simples, contando a verdade:

— Sou (disse) um escravo por nome Androdo, que estando em África com meu senhor, que naquela província era procônsul, por não poder tolerar suas crueldades e mau trato, fugi para os montes, onde, buscando esconderijo contra os que me seguissem e amparo contra os ardentes sóis daquele clima, vim a entrar em uma cova, que me pa-

receu mais oculta e retirada. Não tardou muito que o morador dela, que era este leão, viesse de fora a recolher-se. Qual seria neste passo o meu susto e pavor, o mesmo caso o explica. Porém vinha a fera manquejando, e trazia suspensa no ar uma mão, e do modo que podia ma mostrava, como pedindo-me remédio. Cobrei então ânimo com a necessidade do leão e, pegando-lhe da mão, vi que tinha nela cravado altamente um agudo abrôlho, donde lhe procedia inchação da parte, com dores que o faziam bramir. Tirei-lhe o abrôlho, espremi-lhe o sangue pôdre e matérias que tinha criado, e lhe vendei a mão com uma tira, que rasguei do meu vestido, sofrendo o bruto a cura quietamente. E, como tomou alívio na dor, se estendeu a dormir junto a mim, sem tirar a sua mão das minhas, como que nelas sentia algum fomento. Dali por diante, sarada já a ferida, todos os dias me trazia do que caçava, e eu, torrando aos raios do sol os pedaços de carne de outros animais, passei assim três anos. Até que, aborrecido deste ferino modo de viver, deixei a cova, ao tempo que o leão andava fora, e logo vim a cair na mão de outros mais ferozes, que me conheceram e prenderam e levaram à presença de meu senhor, que é a causa de ser agora lançado às feras. E, pelo que vejo, devia o leão ser também colhido, para ajuntar aos mais nos espectáculos deste povo. A familiaridade e hospedagem de tanto tempo o tinha domesticado comigo, e por essa causa me não fez mal, antes mostra conservar a lembrança daquele antigo benefício que de mim recebeu.

Admirado e juntamente gozoso o César de ouvir a relação deste caso, mandou que se escrevesse sumariamente e fôsse passando a notícia a todo o povo. O qual, levantando clamor, pediu que Androdo fôsse solto e livre, e lhe dessem o leão. Assim se executou, e dali por diante andava Androdo por toda a cidade levando consigo o leão atrelado por um delgado esparto; e todos deitavam sobre ele flores, e a Androdo davam esmolas, de que vivia; e diziam: Este é o leão hóspede do homem; este é o homem médico do leão.

Consultas e Documentos

CONSULTAS

Movimento

Livro 2:

P. n.º 754. — Peço ser informado da forma de proceder no seguinte caso:

Depois de trocados os primeiros quatro despachos a que se refere o Artigo 152.º do Livro 2, o telégrafo ou telefone deixa de funcionar e, conseqüentemente não é possível obter a concessão de avanço contra-via.

Pode o combóio ser expedido com M. 113?

E como se procede, se o telégrafo ou telefone avariar, quando apenas tenham sido trocados os dois primeiros despachos do citado Artigo, no caso de o primeiro combóio a circular em via única ser em contra-via?

R. — Tendo sido trocados os quatro despachos do Artigo 152.º do Livro 2, o combóio poderá ser expedido com M. 113.

Tendo sido trocados apenas os dois primeiros despachos, o combóio não deve ser expedido com M. 113, isto é, ter-se-á que proceder em conformidade com o Artigo 153.º do Livro 2.

DOCUMENTOS

I — Tráfego

Aviso ao Público A. n.º 656 — Anuncia que o serviço combinado «Braga-Caldelas», passa a efectuar-se durante todo o ano.

Aviso ao Público A. n.º 657 — Anuncia a suspensão da Tarifa Internacional n.º 201 — Grande Velocidade

— na parte que se refere aos destinos e procedências para além de Ayamonte, e estabelece que a Companhia condicionará a aceitação, a expedição e o seguimento das remessas procedentes de Portugal e destinadas a França ou mais além, à possibilidade de as empresas ferroviárias espanholas receberem, em transmissão, essas remessas.

Aviso ao Público A. n.º 658 — Anuncia a inclusão de Santana de Cambas no Serviço de camionagem «Beja-Mertola», combinado com o Sr. Manuel João Horta.

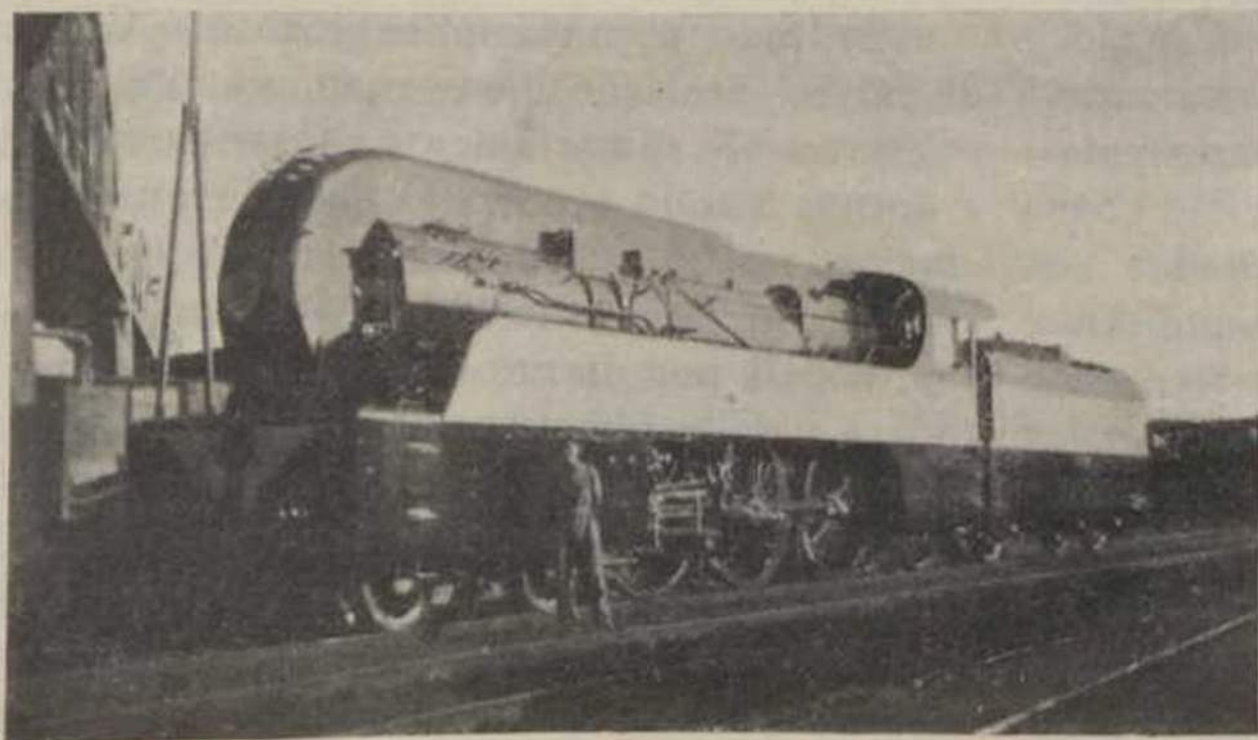
Aviso ao Público A. n.º 659 — Anuncia a abertura à exploração do apeadeiro de Camarão.

Aviso ao Público A. n.º 660 — Anula o Aviso ao Público A. n.º 639 e esclarece que as Cartas de Identidade adquiridas, ou que o venham a ser até 30 de Novembro de 1940, continuarão a produzir os seus efeitos em conformidade com o que se estabelece naquele Aviso.

Aviso ao Público A. n.º 661 — Inaugura o serviço de camionagem Pias-Vila Verde de Ficalho, combinado com o Sr. Manuel Domingos Horta.

Aviso ao Público A. n.º 662 — Encerra o Despacho Central de Mesão-Frio.

Aviso ao Público A. n.º 663 — Previne o Público de que, constituindo as reexpedições, segundo determina o Art.º 112.º da Tarifa Geral, «novos despachos de remessas», a Companhia não é obrigada a fazer seguir as remessas reexpedidas nos mesmos vagões em que foram transportadas as primitivas remessas, objecto de reexpedição.



Locomotiva n.º 503

que reboca o

“FLECHA DE PRATA”

Fotog. do Eng.º José Alfredo Garcia

27.º Aditamento ao Complemento à Tarifa Especial Interna n.º I de P. V., em vigor na Antiga Rede, e 14.º Aditamento ao Complemento à Tarifa Especial Interna n.º I de P. V., em vigor nas linhas do Sul e Sueste e do Minho e Douro — Estabelece concessão especial aos expedidores de sal comum (marinho ou gema) a granel, em sacos ou barricas, de Lisboa até Alverca, inclusivé, e qualquer estação do Sul e Sueste para Gáia, Campanhã e qualquer estação do Minho e Douro ou mais além.

7.º Aditamento à Tarifa de Despesas Acessórias — Estabelece novamente, pela anulação do 3.º Aditamento à T. D. A., a cobrança respeitante ao depósito pela requisição de vagões, na importância de 20\$00.

II — Fiscalização e Estatística

Comunicação-Circular n.º 203 — Refere-se à anulação dos Bilhetes da Tarifa 101 quando os passageiros não cumpram as formalidades estabelecidas, recomendando a todo o pessoal, especialmente ao da revisão de bilhetes, a maior benevolência quando se reconheça não ter havido má fé da parte dos passageiros.

Comunicação-Circular n.º 204 — Esclarece que continuam a ter validade os bilhetes de identidade dos oficiais e sargentos do Ministério das Colónias, visto ter-se notado que em algumas estações se está interpretando erradamente o disposto na Comunicação-Circular n.º 198 de 22/8/940.

Carta-Impressa n.º 278 — Regula a forma como devem proceder as estações sobre a utilização dos bilhetes ao abrigo da Ordem do Dia n.º 4.452.

Carta-Impressa n.º 279 — Concede a redução de 50% sobre os preços da Tarifa Geral aos passageiros destinados ao Congresso Luso-Brasileiro de História, que se realizou em Lisboa nos dias 18 a 30/II/940.

Carta-Impressa n.º 280 — Concede a redução de 50% sobre os preços da Tarifa Geral para o transporte das *filiadas* que tomaram parte no Conselho Nacional da Liga da Acção Católica Feminina e Curso de Formação para Dirigentes, que se realizou em Lisboa nos dias 17 a 26/II/940.

Carta-Impressa n.º 281 — Esclarece quais os bilhetes a utilizar para cumprimento da Ordem do Dia n.º 4.454 e que a redução de 45% incide também nos preços respeitantes à via fluvial.

III — Movimento

Comunicação-Circular n.º 715 — Recomenda o maior cuidado com o transporte de remessas de açúcar, bem como de outras também susceptíveis de fácil avaria.

Comunicação-Circular n.º 716 — Chama a atenção para o cumprimento das disposições contidas nos Avisos ao Público na mesma indicados, relativamente a prazos para retirada e armazenagem de remessas.

Comunicação-Circular n.º 717 — Recomenda o rápido seguimento, tanto cheios como vazios, dos vagões-cisternas de propriedade particular.

Comunicação-Circular n.º 718 — Refere-se a alterações havidas em vagões de propriedade particular.

Comunicação-Circular n.º 719 — Restrições no uso dos aparelhos telegráficos e telefónicos.

Comunicação-Circular n.º 720 — Recomenda que não seja demorado o fornecimento de vagões para remessas de cal e o seu imediato seguimento a destino.

Comunicação-Circular n.º 721 — Determina o fornecimento de material fechado para transporte de batata para semente, sempre que no acto da requisição do vagão seja apresentada declaração, por algum funcionário dos Organismos na mesma Comunicação designados, de que se trata de batata em tais condições.

Quantidade de vagões carregados
e descarregados em serviço comercial
no mês de Novembro de 1940

	Antiga Rede		Minho e Douro		Sul e Sueste	
	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados
Período de 1 a 8 ...	5.794	5.565	1.632	1.735	2.747	2.239
» » 9 » 15 ..	4.950	5.050	1.357	1.328	2.132	1.865
» » 16 » 23 ...	5.001	5.185	1.489	1.464	1.980	1.689
» » 24 » 30 ...	6.376	5.582	1.926	1.822	2.147	1.779
Total	21.967	21.382	6.404	6.349	9.006	7.572
Total do mês anterior	20.862	20.118	6.805	6.094	13.292	9.137
Diferenças	+1.105	+1.264	-401	-645	-3.286	-1.565

Erratas

No último número do *Boletim da C. P.* devem ser feitas as seguintes emendas:

Página 245, 2.ª coluna, linha 9, onde se lê 1446, leia-se 1444.

Página 245, 2.ª coluna, linhas 10 e 11, onde se lê De 1444 e 1446, leia-se De 1445 a 1446.

Página 245, 2.ª coluna, linha 38, onde se lê Pedro da Cunha, leia-se Pedro de Cintra.

Página 246, 1.ª coluna, linha 7, onde se lê Diogo da Azambuja, leia-se Diogo Cam.

Factos e Informações

Ateneu Ferroviário

Festas do VI aniversário

Conforme o programa organizado pela respectiva Direcção, realizaram-se, nos dias 27, 29 e 30 de Novembro e 1, 2, 7 e 14 de Dezembro do ano findo, os festejos comemorativos do VI aniversário do Ateneu Ferroviário — Associação Cultural do Pessoal da Companhia — os quais decorreram com o costumado brilhantismo.

Nas noites de 27 e 30 do Novembro, efectuou-se, na sede do Ateneu, um torneio de Ténis-de-Mesa, a que concorreram jogadores e jogadoras do Ateneu e do Sporting Clube de Portugal, Sport Lisboa e Benfica, Matadouro Foot-Ball Clube, Clube Estefânia, Associação Escolar do Instituto Superior Técnico, Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes» e Gimnásio Feminino de Portugal, para disputa de 4 medalhas oferecidas pelo Ateneu, as quais foram conquistadas pelos jogadores do Sport Lisboa e Benfica, Sporting Clube de Portugal, Matadouro Foot-Ball Clube e Gimnásio Feminino.

Em 29 de Novembro, no campo do Grupo Desportivo Lisgaz, com uma enorme concorrência de público, celebrou-se a Noite do «Basket», em que foram disputadas 4 valiosas taças.

Nos jogos foram adversárias turmas representantes dos seguintes clubes:

Lisgaz-Belenenses, taça Dr. Herculano Ferreira, ganha pelo Lisgaz;

Ateneu Ferroviário-Internacional, taça Engenheiro Branco Cabral, ganha pelo Internacional;

Ateneu Ferroviário-Clube Desportivo de Pedrouços (turmas femininas), taça Dr. Fezas Vital, ganha pelo Ateneu;

Sporting-Benfica, taça Dr. José Alberto dos Reis, ganha pelo Benfica.

No dia 1.º de Dezembro, pelas 15 horas, no Salão de Festas da estação emissora Rádio Peninsular, a Banda de Música do Ateneu, sob a direcção do seu regente Sr. Luiz Boulton, executou um concerto que foi muito apreciado e aplaudido, e que, em parte, foi radiodifundido.

No mesmo Salão de Festas teve lugar, no dia 2 de Dezembro, a sessão solene comemorativa do VI aniversário do Ateneu, à qual presidiu o Sr. Vasco de Moura, como representante dos Srs. Presidente do Conselho de Administração e Director Geral da Companhia.

Na mesa presidencial tomaram lugar os representantes da Rádio Peninsular, da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», da Federação das Sociedades de Educação e Recreio, da Associação de Ping-Pong de Lisboa, do Sport Lisboa e Benfica, do Monte-Pio Ferroviário e os Srs. Raúl de Oliveira, director do jornal *Os Sports*, e Alberto Rocha, comandante dos Bombeiros Voluntários do Sul e Sueste, dos quais um piquete fazia a guarda de honra.



Mesa da presidência da sessão solene comemorativa do VI aniversário do Ateneu

Falou em primeiro lugar o Sr. Félix Perneco, presidente da Assembleia Geral do Ateneu, que lamentou que motivos de serviço oficial tivessem impedido o Sr. Governador Civil de Lisboa de presidir à sessão, para o que fôra convidado pela Direcção. Saudou, na pessoa do seu representante, os Srs. Presidente do Conselho de Administração e Director Geral da Companhia, aos quais se deve a fundação do Ateneu, de que são Presidentes natos Honorários. Depois, saudou também tôdas as colectividades e instituições representadas.

Fêz referência a alguns factos que demonstram o interesse da classe ferroviária pela vida do Ateneu e pela acção cultural que este tem exercido durante os seus seis anos de existência.

Seguidamente usaram da palavra, felicitando o



Assistência ao baile, no Salão de Festas da estação emissora Rádio Peninsular.

Ateneu pelo seu aniversário, os representantes de algumas das colectividades atrás citadas e os Srs. Raúl de Oliveira e Mário Diniz, este último presidente da Direcção, fechando a série dos discursos o Sr. Vasco de Moura, que, em nome das altas entidades da Companhia, felicitou o Ateneu pela passagem de mais um aniversário, afirmando a simpatia das mesmas enti-



De cima para baixo: Concorrentes ao torneio de Ténis-de-Mesa. — Aspecto do baile, no Salão de Festas da estação emissora Rádio Peninsular. — Grupo de convivas no almoço de confraternização.

À esquerda: Orquestra-jazz, privativa do Ateneu Ferroviário.



Assistência ao sarau



Grupo de convivas ao almoço de confraternização

dades por tão prestimosa instituição do pessoal da Companhia.

Procedeu-se depois à distribuição das medalhas e taças aos Clubes vencedores nos torneios de Ténis-de-Mesa e de «Basket», incluídos no programa dos festejos.

A seguir realizou-se um serão lírico, em que toma-



Assistência ao serão lírico

ram parte alunos da distinta professora de canto e piano D. Ema Cordeiro, sendo todos muito aplaudidos.

Alguns dos números deste serão lírico foram radio-difundidos pela Rádio Peninsular.

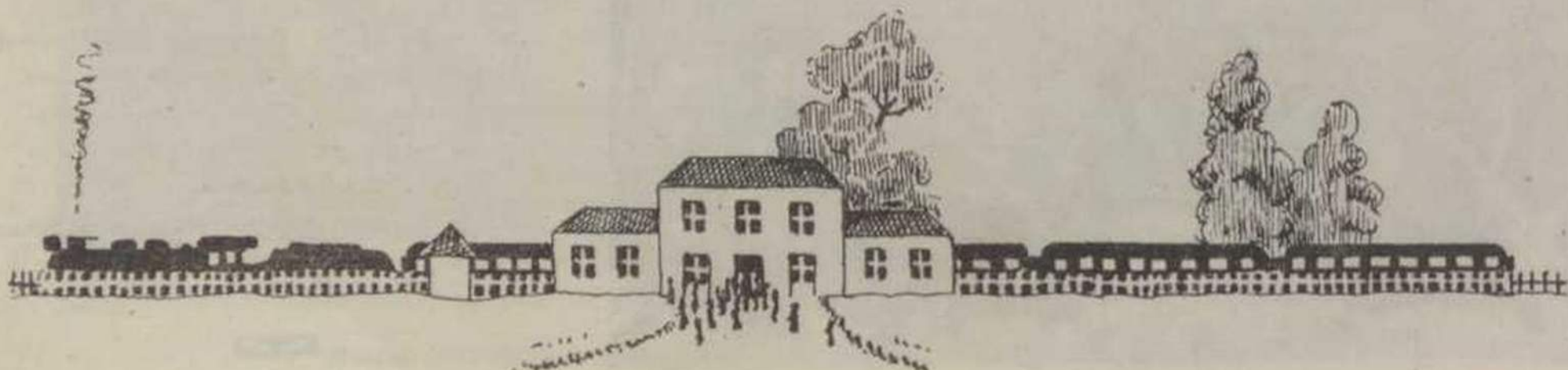
Na noite de 7 de Dezembro, a Direcção do Ateneu proporcionou aos sócios e suas famílias um brilhante

sarau, em que os componentes do Grupo Cénico, sob a direcção de D. Enita Correia, desempenharam vários números de dança, canto e recitação, todos muito aplaudidos e alguns bisados. O baile foi abrilhantado pela Orquestra-Jazz, privativa do Ateneu.

Os festejos do VI aniversário do Ateneu foram rematados com um almoço de confraternização, que se efectuou, em 14 de Dezembro, num dos melhores restaurantes de Lisboa, a que assistiram mais de 40 convivas, entre os quais os Srs. Vasco de Moura, Dr.^a D. Cândida Ferreira, D. Elisa Diniz, D. Alice Mota, D. Enita Correia, Mário Diniz, Raúl de Oliveira, Feliciano Barral, Bruges de Oliveira, Manuel Mota, Alfredo Júlio dos Santos, Raúl de Magalhães, Gabriel Paiva, Aduindo Quintas, Vítor Atonso, José Júlio Pina Cortes, Manuel Martins Gomes, António Quintanilha, Júlio Gomes, etc., etc..

Aos brindes falaram os Srs. Mário Diniz, que presidiu, Manuel Mota, Raúl de Oliveira, Dr.^a D. Cândida Ferreira, Pina Cortes, Martins Gonçalves, Alfredo Júlio dos Santos e, por fim, o Sr. Vasco de Moura.

O *Boletim da C. P.*, que sempre tem acompanhado com a maior simpatia o Ateneu Ferroviário, felicita-o sinceramente pelo seu aniversário e faz votos pelo progressivo desenvolvimento da sua acção cultural e educativa.



Pessoal

Actos dignos de louvor

No dia 27 de Outubro findo, o Limpador da Revisão do M. C., de Lisboa-R., Acácio Pinto da Fonseca, ao retirar a toalha do W. C. duma carruagem do comboio 51, encontrou em cima do lavatório um anel de ouro, que entregou ao Chefe da estação do Porto.

No dia 15 do mês de Dezembro, um passageiro deixou, por esquecimento, uma carteira junto da bilheteira da estação de Aveiro. Este passageiro que

era oficial da Escola de Aviação Naval, Almirante Gago Coutinho, só deu pela sua falta quando regressou no comboio 56 e pretendia mostrar ao revisor o seu bilhete de identidade.

Devido às providências tomadas pelo revisor do comboio, Alberto Silva, no mais curto espaço de tempo conseguiu-se entregar ao seu proprietário a carteira aludida. Este facto provocou da parte do interessado uma carta de agradecimento, pondo em relêvo não só a modelar organização da Companhia, mas também a inteligente e acertada acção do revisor do dito comboio.

Nomeações

Em Outubro

EXPLORAÇÃO

Carregadores: João António Pires, Manuel Joaquim Machete, Manuel Fevereiro Nunes, Tomaz de Jesus, António Roque e José Ramos Leitão.

VIA E OBRAS

Condutores de drézines: António Florindo, Américo dos Santos e Júlio Prazeres Pereira.

Em Novembro

VIA E OBRAS

Assentador: João Belo Charneco.

MATERIAL E TRACÇÃO

Engenheiros ajudantes: Manuel Monteiro Andrade e Sousa, José Alfredo Garcia.

Marinheiro de 2.^a classe: Guilherme Tavares Gouveia e Magno José.

Promoções

Em Outubro

EXPLORAÇÃO

Capataz de 1.^a classe: Francisco Dias Sarafana.

Em Novembro

EXPLORAÇÃO

Sub-inspectores: José Rodrigues Gabão, Artur Duarte Geral de Oliveira, Eliseu da Silva Ruivo e Carlos da Conceição Lopes.

AGENTES QUE COMPLETAM 40 ANOS DE SERVIÇO



Francisco Carlos Gouveia da Silva

Chefe de Repartição Principal dos Serviços Gerais.
Admitido como Amanuense provisório em 1 de Janeiro de 1901



José Malho dos Reis

Contramestre de 1.^a classe das Oficinas de Campanhã.
Admitido como Aprendiz em 14 de Janeiro de 1901

Mudanças de categoria

Em Novembro

EXPLORAÇÃO

Para:

Empregado de 3.^a classe: *O Factor de 3.^a classe,*
José Filipe Aires.

Reformas

Em Novembro

EXPLORAÇÃO

Alfredo Soares, Inspector da 2.^a Circunscrição.

Manuel Bernardo Gomes Gonçalves, Empregado de 1.^a classe, da 1.^a Circunscrição.

Martinho Mendes Dias, Chefe principal, de Lisboa-P.

Francisco Nascimento Gaspar, Chefe de 1.^a classe, de Lisboa-P.

Eduardo Ribeiro de Almeida, Chefe de 2.^a classe, de Lisboa-P.

António Nunes de Magalhães, Chefe de 3.^a classe, de Lisboa-P.

Francisco João, Condutor de 1.^a classe, do Barreiro.

Alfredo Baptista Violas, Condutor de 2.^a classe, do Barreiro.

Lourenço Guedes, Guarda-freios de 1.^a classe, da 3.^a Circunscrição.

José Pinto Lourenço, Guarda-freios de 1.^a classe, da 3.^a Circunscrição.

João Vicente Ferro, Capataz de 1.^a classe, do Barreiro.

António Viegas Puga, Capataz de 2.^a classe, de Faro.

António da Silva, Agulheiro de 3.^a classe, de Souzelas.

João de Barros, Carregador, de Alfândega.

VIA E OBRAS

Gonçalo Joaquim Rodrigues, Contra-mestre de 2.^a classe, da 13.^a Secção, de Évora.

João Martins, Ajudante da 10.^a Secção, de Régua.

Maria do Carmo, Guarda de P. N., do distrito 13, Santarém.

Rosária de Jesus, Guarda de P. N., do distrito 52, Vermoil.

Clotilde Estrêla, Guarda de P. N., do distrito 1.^a da 5.^a Secção, de Dois Portos.

Deolinda de Jesus, Guarda de P. N., do distrito 413, de Afife.

MATERIAL E TRACÇÃO

Inocência Rodrigues Gomes, Vigilante.

Artur José Branco, Maquinista de 1.^a classe.

Joaquim Freire da Silva, Revisor de 1.^a classe.

Júlio das Neves Júnior, Capataz.

António Duarte, Guarda.

Falecimentos

Em Novembro

EXPLORAÇÃO

† *João Alves Nogueira,* Guarda de estação, de Co-ruche.

Admitido como Guarda em 21 de Dezembro de 1921.

† *António Rosa,* Carregador de Coimbra-B.

Admitido como Carregador em 21 de Maio de 1925.

VIA E OBRAS

† *Jerónimo da Silva Julião,* Guarda de P. N., do distrito 6 da 5.^a Secção, de Amieira.

Admitido como Guarda de P. N., em 26 de Junho de 1902.

MATERIAL E TRACÇÃO

† *Carnot Pereira,* Maquinista Fluvial.

Admitido em 22 de Agosto de 1905 como Aprendiz, promovido a Furador em 7 de Outubro de 1912 e nomeado Maquinista Fluvial em 10 de Janeiro de 1925.

† *Álvaro Vieira,* Servente do Armazém de Lisboa P.

Admitido em 20 de Outubro de 1924 como Limpa-dor suplementar, ingressou no quadro em 1 de Outubro de 1926 e passou a Servente em 6 de Setembro de 1937.



† Carnot Pereira
Maquinista fluvial



† Álvaro Vieira
Servente



† António Rosa
Carregador



† João Alves Nogueira
Guarda

Dôr suprema

Morreu!... E foi-se a *nitida* visão
que me tornou a vida deliciosa!
Morreu!... E foi-se a imagem carinhosa,
que enlevava de amor meu coração!

A minha alma procura, desditosa,
ansiosamente obter consolação.
A que fonte ir beber resignação?
Como abrandar tal máguia lomentosa?

Que *quadro* triste! Que amargura infinda!
Ao vê-la assim partir, tão «*casta*» e linda,
de mãos postas, p'ra sempre esmaecida...

... Só *desejo* morrer... E envolto em pranto,
choro sentido e chorarei, enquanto
trilhar incerto a estrada desta *vida*!!!

(6, 5, 7, 4) — (7, 5, 2, 4) — (2, 4, 3, 4) — (7, 8, 4, 8)

* * *

Novíssimas: 48 — «*Através*» da vida o desperdício
de moedas pequenas *produz* prejuízos superiores a *um par*
de contos de réis — 2, 4.

19 — A *verdade* é que não há *altercação* quando é
justo o *recrutamento forçado* — 2, 2.

20 — O que tem *facilidade em falar* com voz *branda*
e usa de modos cordiais, gosa de *ascendência* sobre outros
mortais — 2, 2.

21 — Porque razão será que o «*homem*», só depois de ca-
sado «*nota*» que as virtudes da «*mulher*» se transforma-
ram em defeitos? — 2, 4.

* * *

Sincopadas: 22 — Na minha aldeia, à «*quinta*»
feira, não pode haver *doença*, ⁽¹⁾ porque o médico não dá con-
sulta — 3, 2.

23 — Uma pessoa *grosseira* e malcriada de qualquer
maneira pode ser *increpada* — 5, 4.

*

24 — Foi um *homem riquíssimo* e hoje está na misé-
ria, não tendo sequer um *buraco* para viver — 3, 2.

⁽¹⁾ das salinas que torna a água gordurenta e incapaz de
produzir sal.

Tabela de preços dos Armazens de Víveres, durante o mês de Janeiro de 1941

Gêneros	Preços	Gêneros	Preços	Gêneros	Preços
Arroz Nacional A. A. kg.	2\$25	Carvão sóbro-Em Lisboa kg.	\$60	Milho lit.	\$90
» » branco »	2\$60	Carvão de sóbro-Res. Armazens »	\$55	Ovos duz.	variável
» » mate.. »	2\$70	Cebolas »	variável	Presunto kg.	10\$00
» » glacé. »	3\$10	Chouriço de carne »	14\$00	Petróleo-Em Lisboa lit.	1\$80
» » gigante. »	2\$90	Far.ª de milho branco. »	1\$20	Petróleo-Res. Armazens ... »	1\$90
Arroz Nacional corrente 1.ª Colonial »	3\$40	Far.ª de milho amarelo. »	1\$30	Queijo da Serra kg.	15\$00
Açúcar de 1.ª Hornung »	4\$50	» » trigo »	2\$30	Sabão amêndoa... »	1\$60
» » 2.ª » »	4\$35	Farinheiras »	7\$50	» Offenbach »	2\$50
» pilé »	4\$65	Feijão branco..... lit.	2\$00	Sal lit.	\$20
Azeite extra lit.	7\$40	» frade lit. 1\$40 e	2\$00	Sêmea kg.	\$70
» de 1.ª »	7\$00	» manteiga lit.	2\$00	Toucinho kg. 7\$10 e	7\$60
» » 2.ª »	6\$50	» avinhado..... »	1\$90	Vinagre lit.	\$90
Bacalhau Inglês ... 7\$20, 7\$40, 7\$60 e	7\$80	Lenha kg.	\$20	Vinho branco »	1\$30
» Nacional... 6\$50, 6\$80, 7\$20 e	7\$50	» de carvalho..... »	\$25	» tiato-Campanhã »	1\$30
Banha kg	8\$00	Manteiga »	19\$00	» » -Gaia..... »	1\$35
Batatas »	variável	Massas »	3\$75	» » -Res. Armazens »	1\$40

Os preços dos gêneros sujeitos a imposto são acrescidos desse imposto.

Estes preços estão sujeitos a alterações, para mais ou para menos, conforme as oscilações do mercado.

Além dos gêneros acima citados, os Armazens de Víveres têm à venda tudo o que costuma haver nos estabelecimentos congêneres, e também tecidos de algodão, malhas, atalhados, fazendas para fato, calçado e louça de ferro esmaltado, tudo por preços inferiores aos do mercado.

Quem for económico deverá abastecer-se nos Armazens de Víveres, com o que contribuirá, também, para a prosperidade da sua Caixa de Reformas, que representa o futuro de todo o funcionário ferroviário.

O **Boletim da C. P.** tem normalmente 20 páginas, seguindo a numeração de Janeiro a Dezembro. Os 12 números formam um volume com índice próprio. Os números deste Boletim não se vendem avulso.

Os agentes que queiram receber individualmente o Boletim deverão contribuir com a importância anual de 12\$00, a descontar mensalmente, receita que constituirá um **fundo** destinado a prémios a conceder aos contribuintes, por meio de concursos, e ainda a melhoramentos no Boletim.

Os pedidos devem ser transmitidos, por via hierárquica, à Secretaria da Direcção (**Boletim da C. P.**).